







*Reclamar o direito
de dizer tudo*



*Reclamar o direito
de dizer tudo*

JULIETA MARCHANT



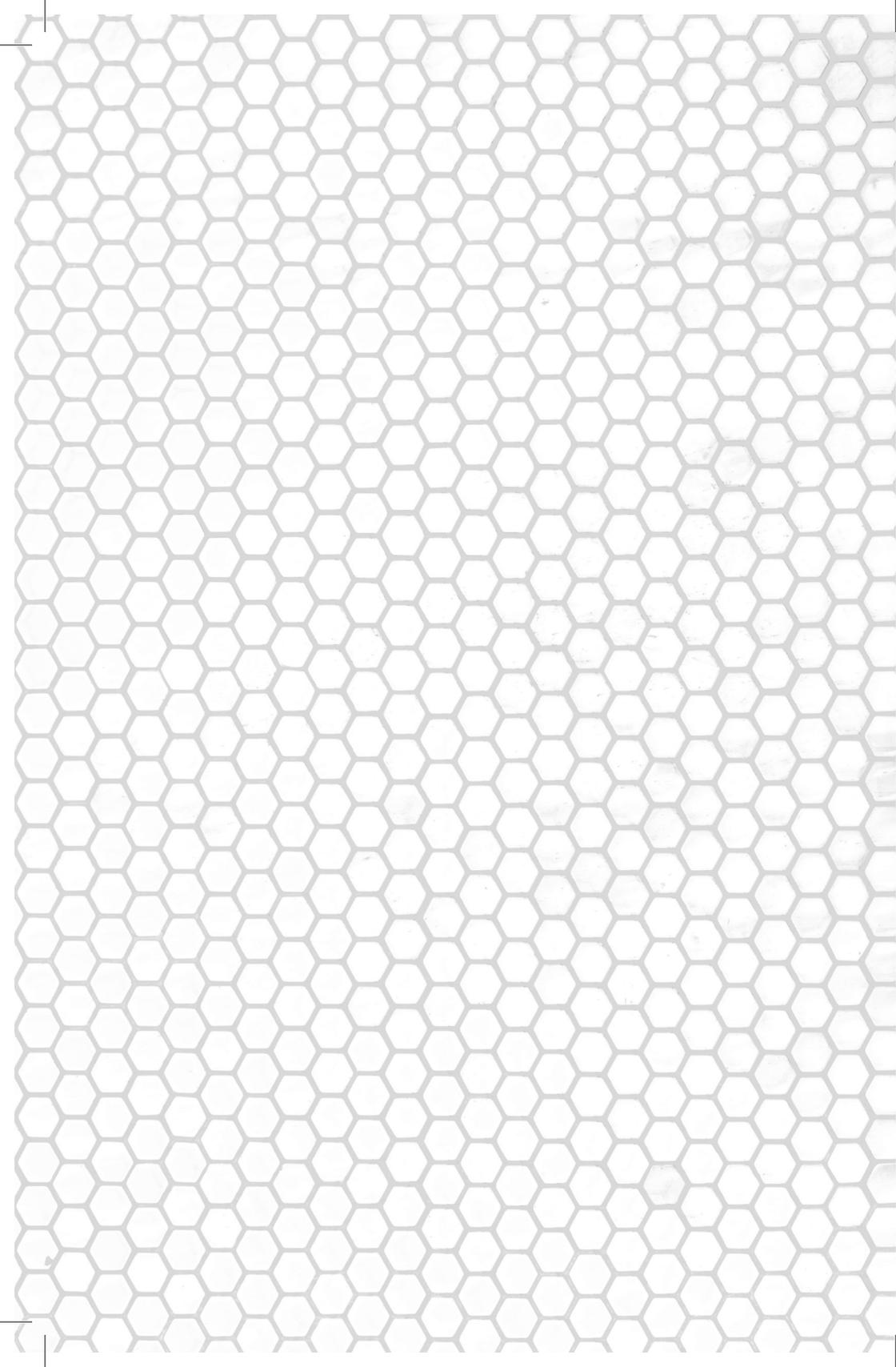
*Reclamar o direito
de dizer tudo*

JULIETA MARCHANT

tradução de

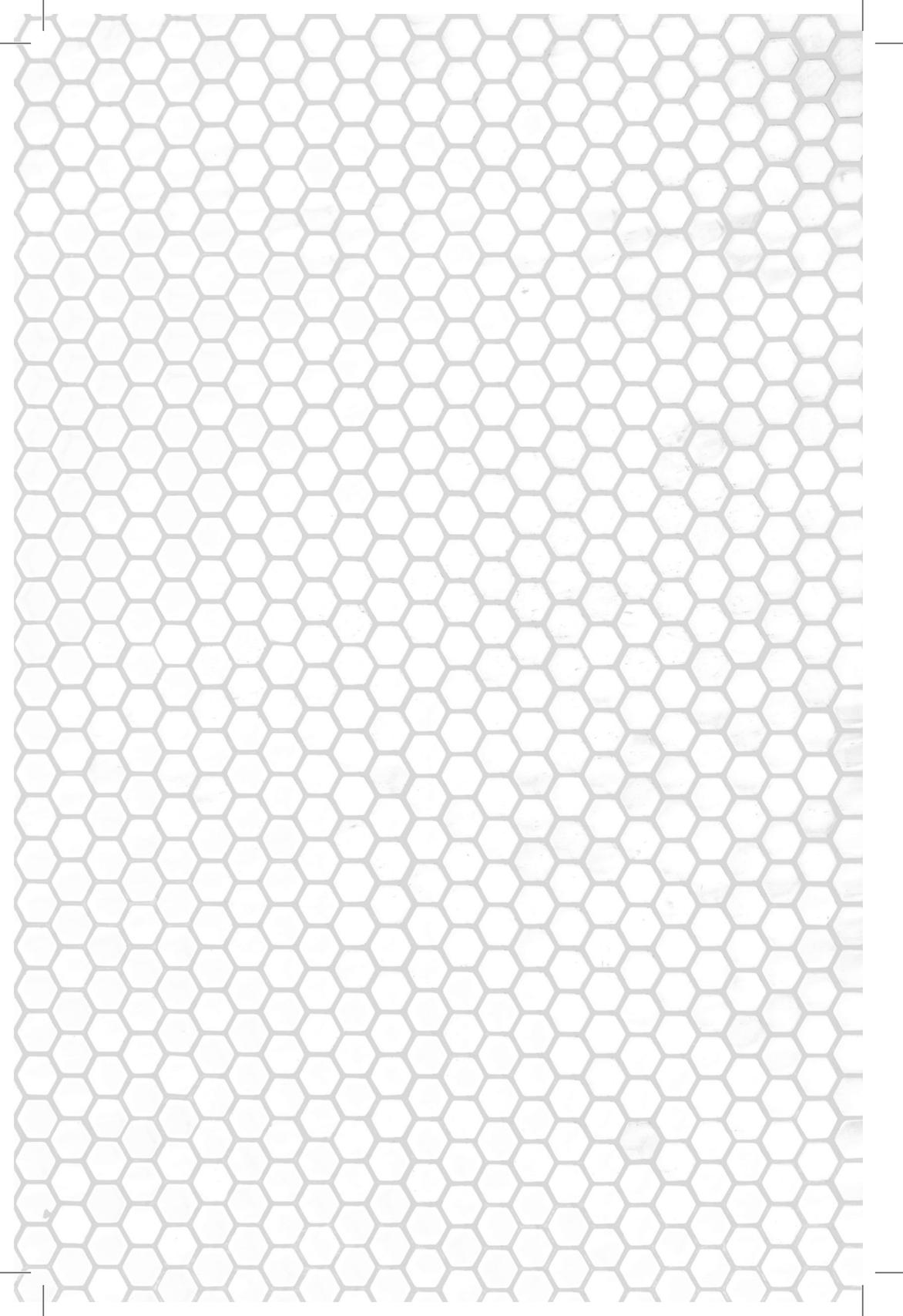
ELLEN MARIA VASCONCELLOS







A Funes
A Flora





*Em sua torre com vista para o rio Neckar,
Hölderlin tinha um piano que às vezes tocava
tão forte que quebrava as teclas. Mas houve dias
tranquilos nos quais ele só tocava e pendia a cabeça
para trás enquanto cantava. As pessoas que o
ouviram diziam que não era possível identificar,
por mais que escutassem, que língua era.*

Anne Carson



Alguém disse: “Como reconstruir a memória sobre o que já não se pode lembrar?, como ouvir isso que se apresenta como impossível de ser ouvido?”, e eu anoto como se fossem poemas esperando para serem escritos:



Uma menina tece uma cesta
abraça seu nome na margem de um rio
imita com os dedos a língua materna.
Desaparece uma língua.

Pensar em se apagar detrás das palavras. Pensar em
aprender a morrer. Pensar na morte presente em
cada palavra, na fala que torna definitiva a morte.

A voz daquela que já não está
ainda que seu modo de nomear
não desapareça.
A primeira nota de um violino
o arco que ingressa ao corpo e o derruba.
As marteladas das costas de uma cama
contra a parede.

Ler vibrando a data que atravessa todo o poema.
Ler que “eu” nomeia algo que morre, que um nome
é sempre um nome de um morto. Ler ameaçado
pela destruição. Ler: pode ferir uma língua? Ler
como quem faz uma marca e uma fresta. Ler, es-
tender uma mão.

Cada casa reverbera à sua maneira. Cada corpo — cavidade sonora, coluna de ar — se inquieta. Seu nome se cala no ouvido. Perfura, e eu não termino de compreender sua inclemência.

Quando uma língua se apaga
um mundo se envaidece
as coisas se medem
por seu estado de elevação.
Quando uma língua se queima
os nomes se afrouxam nas bocas.
As bocas suspendem os ouvidos.
Os ouvidos guardam silêncio.
Desaparece uma língua.

O pranto de minha mãe no quarto ao lado.
O corpo como espaço acústico.
Você quando dorme murmura meu nome
por acaso isso foi amor?
A voz de minha psicanalista procurando a si mesma.
Minha mãe gritando o nome de sua mãe
eu amando o nome da minha.
Dizer um nome próprio à espera de um impulso.

Arruinar a combustão que faz com que as palavras
ascendam. Arruinar a poesia como vitória diante
da gravidade. Arruinar a posição que é o poema.
Arruinar o eu.

Ser um ouriço entre ouriços.
Se encolher diante do contato com o lobo
que habita cada corpo.
Desaparece uma língua.

Sentada no jardim, vejo minha mãe. O zumbido das abelhas, o vento embala o pé de laranja, o cauteloso miado do gato. As pegadas de minha mãe na grama, o barulho de cada favo perfurado da colmeia. “A abelha rainha não está”, diz minha mãe. Em poucos dias, os zumbidos soarão em outro jardim. Toda a ordem depende dela que, estreita e marcada com um alvo branco, decidiu partir. Encantada por outros rumores, ela, que é um deles, se reserva. O gato repousa emudecido em uma ilha de ervas daninhas. Minha mãe sabe da dor, sabe ouvi-lo mesmo que nada diga. Ela pode ser abelha, ela pode ser minha mãe.

Ouvir a leitura do mundo como se leem as estrelas.
Ouvir a renúncia a pensar por querer pensar tudo.
Ouvir que alguém acorda em frente à história.
Ouvir a linguagem das coisas antes de que alguém fale na sua vez.

As vogais permanecem
nos animais que amamos
em suas superfícies.
A mão protege o fogo

